

## SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	15
O VELHO CHICO E AS TEIAS DOS SENTIDOS	23
O AFASTAMENTO DO RIO E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS	31
O REISADO NO VELHO CHICO E NO CANTINHO: QUAL SERÁ O LUGAR DESTINADO À CULTURA POPULAR?	45
ESTRUTURA E FORMAÇÃO	58
O RITO E A CONTINUIDADE	66
O TRÂNSITO DOS SUJEITOS ENTRE AS EXPRESSÕES DA CULTURA POPULAR	82
A DISTINÇÃO DOS PALCOS: O PALCO DOS FESTIVAIS DE IBOTIRAMA E O PALCO DESTINADO AOS ATORES POPULARES	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	121



## PREFÁCIO

Este trabalho tem vários méritos, a começar pela proposta básica: o estudo de uma forma de expressão tradicional do patrimônio imaterial brasileiro – o reisado – em uma cidade ribeirinha do rio São Francisco, Ibotirama, BA.

O estudo parte da história da cidade e do rio como “lugar” dos Ibotiramenses, em que se entrelaçam diferentes e complexas vivências de habitantes dessa região do Médio São Francisco ou dos que estão de passagem, envolvendo pessoas, modos de vida, profissões, saberes e fazeres, atuações comerciais em constante mudança, relacionados com a economia em torno de um rio, que já foi, até cinquenta ou sessenta anos atrás, a principal via de transporte de bens e pessoas em suas diferentes travessias. Traz a história e o trânsito de sentidos e significados de um rio e seus diferentes usos ao longo do tempo e, em especial, da história cultural da atualidade. Essa cidade é cortada pelo rio, construindo-se a vida dos habitantes em uma e em outra margem.

A leitura da narrativa que aqui se apresenta, fundamentada no que há de melhor para os estudos de crítica cultural, nos mostra como se tecem sentidos e significados da vida e da cultura em uma cidade do semiárido, com cerca de 27 mil habitantes, revelando dados históricos e geográficos do município e da região. São postas em evidência várias fronteiras físicas e metafóricas, como as margens e as “bordas” da cultura, conforme o trabalho de Jerusa Pires Ferreira (2010).



Os leitores terão a oportunidade de verificar como Tâmara partiu, sabiamente, do rio que está intimamente relacionado com a vida dos ribeirinhos e com a história da cidade. Verificarão que não se trata apenas de um rio, cujas águas passam para “bater no meio do mar”, como diz a canção, mas de um rio com sentido e significado em plena mudança. Já transportou cargas e pessoas numa época em que o comércio seguia o fluxo de suas águas e através delas embarcações, o barco a vapor e balsas encarregavam-se de deixar os viajantes e bens de consumo nas várias cidades. Já serviu de orientação para tropeiros, que seguiam caminho ao lado do rio. Um rio que está no imaginário dos ribeirinhos e dos brasileiros, de diferentes formas. Informa-nos sobre personagens das histórias ali contadas, como o Nego d'Água e o Vapor Encantado, associados ao rio, o rio São Francisco, nas histórias contadas por pescadores, barqueiros, entre outros. Euclides da Cunha é citado, novelas são lembradas.

Tâmara cativa o leitor ou a leitora ao expor a experiência construída em sua vida de ribeirinha que questiona o papel do rio no passado e no presente, refletindo sobre várias vivências entrelaçadas: a de boa leitora de livros teóricos, a de coordenadora de mapeamento para obtenção do selo Unicef (o que abriu as portas para seu entendimento da diversidade cultural de Ibotirama) e a de pesquisadora de campo em função de seu estudo acadêmico. Expõe e interpreta falas de reiseiros e reiseiras, textos escritos, trechos de canções do reisado, trechos de canções de festivais...

A autora se refere ao Mapeamento de Cultura de Ibotirama, desenvolvido em três anos, do qual participou. Esta experiência não só motivou iniciativas de valorização e maior reconhecimento às atividades do patrimônio imaterial, mas revelou que as formas de expressão tradicionais não estão isoladas. A autora demonstra como



foi descobrindo as inter-relações dos participantes de uma forma de expressão de cultura tradicional com outras formas, das quais eles também participam. Esta descoberta propicia o surgimento de vários questionamentos e aprofunda o conhecimento de uma rede complexa de saberes e fazeres e de participações solidárias, movidas pelas diferentes práticas de catolicismo popular, também desenvolvidas por participantes de religiões afro-brasileiras.

O grupo Reisado do Cantinho e seus principais integrantes ganham destaque, e são citados alguns versos cantados por eles. Revelam-se em resistência cultural, sem apoio de políticas públicas, atuando em bairros de periferia. A obra dá indícios de tensão e conflitos, analisando como a cultura popular é vista por pessoas e instituições, e contrasta o papel exercido pelo reisado e a quem se destina, as formas de recepção por diferentes agrupamentos sociais, com outro tipo de atividade cultural de palavra cantada, outros atores, outra história e outras estratégias de resistência – os festivais de música e de poesia.

Da primeira à última página, o leitor ou leitora presencia o desejo de entender a complexidade e multiplicidade de desdobramentos culturais que se revelam na exposição e na composição deste livro, em que a autora está sempre presente, questionando, deixando evidente a sua cumplicidade e atuação a favor dos artistas tradicionais. Importante notar o respeito aos integrantes do reisado, sempre citando suas fontes orais, indicando o documento de pesquisa de campo em que foi feito o registro. A referência correta valoriza os sujeitos, mencionando suas falas como um documento tão precioso quanto as observações de teóricos e outros estudiosos. Desse modo, a autora traz esses sujeitos ao primeiro plano do livro, pois, mais que simples fontes, eles são, antes de tudo, seus principais colaboradores.



Para finalizar, devo informar que tive a satisfação de acompanhar o estudo de Tâmara Rossene Andrade Bomfim sobre o reisado de Ibotirama em três versões, desde 2016. A primeira delas, intitulada *Os sujeitos do reisado de Ibotirama: da invisibilidade à resistência da cultura popular*, como trabalho de qualificação para o mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade Estadual da Bahia, Campus de Alagoinhas, de que participei como examinadora externa. A segunda versão, a dissertação de mestrado *Do chão de terra à cerâmica das salas: territórios da cultura popular no Reisado da Nega (Ibotirama, Bahia)*, de que participei como suplente. Agradeço por participar como prefaciadora da atual versão em livro.

Lembro que, enquanto lia a versão deste trabalho para a qualificação, a certa altura, comecei a escapar e me surpreendi em outra travessia, inundada pela memória, ficando em outras margens deste rio, com as palavras de João Guimarães Rosa me levando para outro porto do rio, de outro São Francisco, lugar de passagens fundamentais para a trama do *Grande sertão: veredas*, que ocorrem no porto de São Francisco (de Minas Gerais), mais ao sul. Lá também há folias de Reis, dança de São Gonçalo. Depois disso, envergonhada, voltei ao texto me punindo por ter sido levada pela memória. Como aconteceu isso, quando a leitura de seu trabalho estava tão atraente, com tantas informações buscadas em bibliografia e tão pertinentes para seu estudo?

É muito complexo... Há muita informação... e muita vida pulando, o que é extremamente gratificante para quem lê o seu trabalho. Em muitas passagens me identifiquei com sua trajetória. Veja só, cruzamos as mesmas águas, isto é, vivenciamos a cultura popular, fizemos mapeamentos culturais, moramos em cidades à beira de rios!



Quando criança, morei em uma cidade paulista, Guararema, no Vale do Paraíba. A existência dessa cidade também está relacionada com um rio, o Paraíba do Sul. Depois morei em Mogi das Cruzes e em São Paulo, cortadas pelo Rio Tietê. Agora moro em uma cidade por onde passa o rio Paraíba. Também coordenei uma pesquisa sobre patrimônio imaterial de uma pequena cidade do estado da Paraíba, em função da obtenção do selo da Unicef, quando preparei um grupo de jovens e com eles fiz a descoberta do que estava lá sempre, mas era tornado invisível pelos políticos e por professores das escolas, que, em sua maioria, são incapazes de considerar cultura os saberes e fazeres de homens, mulheres e crianças comuns. Ali também apareceram dançadores, cantadores, escritores de folheto, benzedores...

Entre seus leitores e leitoras aparecerão, sem dúvida, aqueles que também carregam rios em sua vida.

Maria Ignez Novais Ayala

Pós-doutora e docente do Programa de Pós-Graduação em  
Linguística da Universidade Federal da Paraíba